

Comoção, repercussão e criação

Eugênio Canesin Dal Molin

Texto apresentado em versão reduzida na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, em 30 de maio de 2024. Gostaria de agradecer a leitura atenta e os comentários de Isabella Borghesi Dal Molin, Renata Udler Cromberg, Diane Viana e Renata Mello.

Eugênio Canesin Dal Molin é psicanalista. Doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e Membro fundador do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). Professor dos cursos de Especialização em Teoria Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Cogeae/PUC-SP) e Psicopatologia e Saúde Pública da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Foi coordenador da Comissão Científica da 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi (São Paulo, SP, Brasil).

Resumo Com base nas ideias de Ferenczi, este artigo explora aspectos da dinâmica do “trauma” e seus efeitos no funcionamento psíquico. A problematização centra-se em dois conceitos: o choque (ou comoção) como evento disruptivo inicial e o processo de repercussão psíquica, que pode culminar em um movimento de criação. Através de personagens conceituais, defendo que a transformação de vivências traumáticas em produções criativas é essencial e frequente, especialmente quando essas vivências são compartilhadas e reconhecidas pelo ambiente.

Palavras-chave Sándor Ferenczi; trauma; comoção; repercussão psíquica; criação.

DOI: 10.70048/percurso.73.45-54

- 1 W. Benjamin, “Sobre o conceito de história”, in *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, p. 224.
- 2 J. Gondar, “Diálogos (im)pertinentes: Psicanálise, teorias queer, transgeneridades”, *Percurso* n. 68, p. 34.
- 3 W. Benjamin, *op. cit.*, p. 224.
- 4 Cf. S. Ferenczi, “O conceito de introjeção”, publicado em 1912, que reapresenta de modo breve a ideia trabalhada três anos antes, em 1909, no artigo “Introjeção e transferência”.

Em um artigo recente para a revista *Percurso*, Jô Gondar usou uma imagem muito feliz de Walter Benjamin. Ela se referia a como podemos voltar a autores do passado sem nos prender a conceitos que parecem datados, mas valorizando o gesto criador que encontramos em cada um deles. O gesto criador que vale marcar, nos diz, é aquele que “relampeja no momento de um perigo”¹; é o gesto que renova o campo e que “não envelhece”². A frase inteira de Benjamin é: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”³. Neste texto, gostaria que pudéssemos fixar nossos olhos em dois “gestos” ferenczianos que relampejam.

Ferenczi é teoricamente menos rigoroso que outros autores, Freud em especial. Se é verdade que se dedicou a escrever textos que buscavam sintetizar conceitos – o de introjeção, por exemplo⁴ – também é verdade que muitas de suas ideias parecem nunca ter encontrado um formato plenamente acabado ou teoricamente preciso. Mesmo alguns dos conceitos mais difundidos do autor, como os de identificação com o agressor e de desmentido, espalham-se de modos diferentes por seus últimos textos, de modo a provocar contínuos debates sobre o que foi ou seria desmentido (se a percepção, o sujeito ou uma relação) ou sobre quando exatamente a identificação com o agressor iniciaria (se antes, junto ou após a clivagem). Sei que os leitores que já acomodaram essas noções em seus repertórios podem estranhar a afirmação e pensar “mas é claro que o que é desmentido é tal coisa” ou “é certo que a identificação com o agressor ocorre quando isso e aquilo acontecem”. Concordo nesse ponto com um



*minha proposta é depurar
da teoria ferencziana do trauma
um par de ideias que sejam úteis
para pensar o funcionamento
psíquico em geral. Para isso,
tomarei algumas ferramentas
que o autor usa para
discutir o tema*

argumento que vi ser encampado em momentos diferentes, no contexto dos estudos sobre o pensamento de Ferenczi, por Daniel Kupermann⁵ e por Nelson E. Coelho Junior⁶, o de que o acabamento dos conceitos é resultado do trabalho dos comentadores. É claro que podemos discutir longamente cada uma das noções mencionadas a título de exemplo e dar a elas contornos mais fixos, mas agora nosso esforço será outro.

Minha proposta é depurar da teoria ferencziana do trauma um par de ideias que sejam úteis para pensar o funcionamento psíquico em geral. Para isso, tomarei algumas ferramentas que o autor usa para discutir o tema e as voltarei para o psiquismo em momentos menos extremos também. Gostaria que pensássemos algumas de suas posições teóricas para além dos pacientes graves, para além das situações de violência e abuso, para “matrizes clínicas”, como diz Renato Mezan⁷, diferentes dos chamados casos difíceis, para outros campos que não o das formas mais extravagantes de exercício do poder. Tive a oportunidade de argumentar em mais de uma ocasião⁸ que “trauma”, em psicanálise, é um conceito aberto e que seria mais interessante investigar o que o conceito é capaz de operar para autores diferentes, do que vaticinar de partida o que seria um “trauma”. Mesmo no campo muito mais restrito do pensamento de Ferenczi, a noção estende-se em direções muito diversas e implica, em seus melhores dias, a ideia

de formação e de processo⁹. Em um de seus primeiros textos psicanalíticos, “Palavras obscenas”¹⁰, ele diz que os palavrões mantêm uma intensidade correspondente à ação porque o investimento que dedicamos na infância ao que representam e o recalçamento de que são alvo fazem com que nosso interesse seja desviado para outras coisas. Como aprendemos a não os declarar constantemente, essas palavras mantêm a capacidade evocativa, “ao passo que o resto do vocabulário, graças à prática e ao treinamento contínuos”¹¹, fica despojado do caráter alucinatorio e motor presente em todas as representações ao longo da primeira infância. As palavras que aplicamos com frequência carregam consigo menos intensidade, se enfraquecem.

Uma primeira “personagem conceitual”, na expressão de Deleuze e Guattari¹², é útil para seguirmos em frente.

Um ortopedista e um raio

O livro *Alucinações musicais*¹³ começa com um caso curioso. Oliver Sacks entrevistou o paciente em agosto de 2006¹⁴. Trata-se de um ortopedista de 42 anos chamado Tony Cicoria. Enquanto se arma uma tempestade, Tony vai ligar para a mãe de um telefone público, de um orelhão. O ano é 1994 e os celulares não eram onipresentes como são hoje, e nem serviam para ver o clima. Depois de desligar, enquanto estava afastando o telefone da orelha e ouvia o sinal que indicava o término da ligação, ou depois de ter posto de volta o fone, ele é atingido por um raio. Foi arremessado para longe e pessoas correram para socorrê-lo. Entre as muitas coisas que relata, está uma que frequentemente ouvimos em narrativas de vivências ditas “traumáticas”: ele tem a sensação de que saía do corpo e que se via estirado no chão, morto, e depois sendo reanimado. Tony sentiu que flutuava para as estrelas enquanto revia toda sua vida, mas sem emoções; tornara-se, em suas palavras, “puro pensamento, puro êxtase”. Voltou ao corpo porque percebeu que sentia dor, eram as queimaduras “no rosto e no pé esquerdo, por

onde a carga elétrica entrara e saíra de seu corpo”¹⁵. Quando recobrou alguma gerência sobre si, conseguiu dizer que era médico, ao que a pessoa que o ressuscitou respondeu, “Por instantes atrás, não era”¹⁶.

Durante as semanas após a tempestade, estava muito lento e teve dificuldades de memória, um estado geral que só aos poucos melhorou até que pôde retornar às atividades de trabalho. O que aconteceu também foi o começo de um interesse acentuado por música, o que não tinha antes. Não era surdo a toda forma de música, gostava de rock, por exemplo. De repente, embora o mais próximo que houvesse chegado de um instrumento fora na infância, quando tivera algumas aulas de piano, começou a sentir um “desejo insaciável de ouvir música de piano”¹⁷. Comprou discos, precisava ouvir alguns compositores em especial, encomendou partituras, começou a ir a recitais. Também passou a ouvir música em sua cabeça e a sentir ele mesmo uma furiosa vontade de compor. Teve um sonho em que “estava de smoking, no palco, tocando alguma coisa”¹⁸ de sua

»

*a música do sonho,
por exemplo, nos diz Tony,
“chegava e se apoderava de mim.
Tinha uma presença imperiosa”.
Havia nele, podemos dizer
assim, uma necessidade
de agir, de falar sobre,
de pensar sobre aquilo, de criar.
Sentia-se possuído*

autoria. Acordou desesperado para registrar as notas, mas não tinha condições de fazê-lo. Foi então em busca de uma educação musical: aprendeu a ler e escrever partituras e passou a fazer música. A música do sonho, por exemplo, nos diz, “chegava e se apoderava de mim. Tinha uma presença imperiosa”¹⁹. Havia nele, podemos dizer assim, uma necessidade de agir, de falar sobre, de pensar sobre aquilo, de criar. Sentia-se possuído. Mas isso não é tudo. Ele também criou um segundo alvo de interesse, um segundo *hobby horse*, um segundo capricho, uma segunda fixação, para usar um termo que pode ter ocorrido ao leitor. Tony precisava buscar e consumir toda e qualquer literatura sobre experiências de quase-morte, sobre queda de raios, e montou uma “biblioteca sobre Tesla e sobre tudo que se referisse ao terrível e belo poder da eletricidade de alta voltagem”²⁰.

Era uma dupla fascinação: fazer música e entender a eletricidade, o choque e a experiência de proximidade com a morte. Poderíamos dizer que a vivência de ser atingido por um raio naquele dia mudou profundamente a relação do paciente consigo mesmo e com as coisas. Agora, e a partir daí, estava tomado por ímpeto incontável de ouvir, de criar – uma tentativa de ligar, de se assenhorar daquilo que estava envolvido no que vivenciou, no vocabulário freudiano. Mas nem Sacks nem o próprio Cicoria recorrem ao termo “trauma” para discutir o episódio. Há, na verdade,

5 Na discussão da mesa “Ferenczi: pensador político, clínico do reconhecimento”, no Colóquio Internacional Distopia e Clínica do Social, coordenado por Marília Etienne Arreguy e realizado pelo Grupo Alteridade Psicanálise Educação – GAP(e)/UFF-CNPQ. Entendo que um dos textos que informam seu ponto seja o ensaio “O que é um autor?”, de M. Foucault.

6 Penso especialmente no artigo de N.E. Coelho Junior, “From Ogden to Ferenczi. The constitution of a contemporary clinical thought” (*American Journal of Psychoanalysis* n. 79).

7 R. Mezan, *O tronco e os ramos*.

8 Cf. E.C. Dal Molin, *O terceiro tempo do trauma*, publicado em 2016, e artigo mais recente, “Trauma, conceito aberto” (*Cadernos de Psicanálise*, v. 46, n. 50).

9 Cf. E.C. Dal Molin, *O terceiro tempo do trauma*, e “Trauma, conceito aberto”.

10 S. Ferenczi, “Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência”, in *Psicanálise I*.

11 S. Ferenczi, “Palavras obscenas...”, p. 133.

12 G. Deleuze; F. Guattari, *O que é a filosofia?*

13 O. Sacks, *Alucinações musicais*.

14 T. Cicoria, “The electrifying story of the accidental pianist & composer”, *Missouri Medicine*, 111(4).

15 O. Sacks, *op. cit.*, p. 18.

16 O. Sacks, *op. cit.*, p. 18.

17 O. Sacks, *op. cit.*, p. 18-19.

18 O. Sacks, *op. cit.*, p. 19.

19 O. Sacks, *op. cit.*, p. 19.

20 O. Sacks, *op. cit.*, p.21.



a “força relativa
da excitação ‘insuportável’
determina o grau e a profundidade
da desintegração do Eu”,
que pode ir do transe à morte.
Aqui, portanto, “trauma”
e “desmentido” são,
cada um deles, choques

uma atribuição de valor positivo ao episódio e às suas consequências.

Comoção

Julgo importante chamar atenção a um conceito que Ferenczi usa no lugar do de trauma, mas que, na verdade, salienta mais o episódico, o momento intenso, e menos o processo. Trata-se do conceito de “comoção” ou “choque”. Há muitas ocorrências de seu uso na obra do autor, selecionei quatro que podem nos interessar um pouco mais e que vou listar cronologicamente:

1. No texto “Princípio de relaxamento e neocartarse”, apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise em Oxford, em 1929, lemos que

*a primeira reação a um choque é sempre uma psicose passageira, ou seja, uma ruptura com a realidade, por um lado sob a forma de alucinação negativa (perda da consciência ou desmaio histérico, vertigem), por outro, com frequência, sob a forma de uma compensação alucinatória positiva imediata que dá a ilusão de prazer.*²¹

A experiência de Tony Cicoria envolveu tudo isso, como vimos: o paciente perdeu os contornos do próprio corpo e do próprio psiquismo, dividiu-se em um corpo inerte e em uma mente que tudo vê,

se misturou aos elementos que percebeu naquela vivência – ou que mais tarde foi capaz de perceber, como o som, a eletricidade, o raio – e voltou em êxtase criativo.

2. Três anos depois, em 30 de julho de 1932, Ferenczi anota no *Diário clínico* que observa em seus pacientes um “duplo choque”. O primeiro, argumenta, seria o “trauma”; o segundo, o “desmentido”. Há muita informação nessa entrada do *Diário*, mas entre os objetivos dela estão tratar da reação autoplástica; da desintegração de si, da fragmentação e da reconstrução; afirmar que a presença de uma pessoa que ajude o sujeito, em um segundo tempo, alivia a dor; e que a “força relativa da excitação ‘insuportável’ determina o grau e a profundidade da desintegração do Eu”²², que pode ir do transe à morte. Aqui, portanto, “trauma” e “desmentido” são, cada um deles, choques. Há um primeiro tempo, em que trauma é igual à comoção, e há um segundo tempo, em que o desmentido corresponde, ele também, a um tipo de comoção.

3. Em “Confusão de línguas”, apresentado no começo de setembro de 1932, Ferenczi utiliza algumas vezes o termo “comoção psíquica”. Ele afirma que

Se essa benevolência vier a faltar [a do analista frente ao paciente regredido em sofrimento] a criança vê-se sozinha e abandonada na mais profunda aflição, isto é, justamente na mesma situação insuportável que, num certo momento, a conduziu à clivagem psíquica e, por fim, à doença. Não surpreende que o paciente não possa fazer outra coisa senão repetir exatamente, como quando da instalação da doença, a formação de sintomas desencadeados por comoção psíquica.²³

Escreve também que “não existe choque, nem pavor, sem um anúncio da clivagem da personalidade”, e continua: “A personalidade regride para uma beatitude pré-traumática, procura tornar o choque inexistente...”²⁴. E por fim, mais à frente, afirma que “Se os choques se sucedem no decorrer do desenvolvimento, o número e a variedade de fragmentos clivados aumentam...”²⁵. Aqui tam-

bém a ideia de comoção circula entre o momento da vivência de violência e o do desmentido.

4. Em 19 de setembro, de Biarritz, para onde vai depois do Congresso de Wiesbaden, o analista húngaro põe no papel três páginas sobre a *Erschütterung*, termo que foi traduzido para o português como “comoção”, “comoção psíquica” ou como “choque” (em inglês, como *Shock*). Ali nos diz que “O ‘choque’ é equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa”²⁶ de si mesmo. O termo, em alemão, indica a perda de contornos próprios, o desmoronamento do Eu e sua “aceitação fácil e sem resistência de uma forma outorgada, à maneira de um saco de farinha”²⁷. A comoção sempre toma o indivíduo despreparado, seja por sua intensidade, seja porque o sujeito sentia-se seguro de suas capacidades, confiava no ambiente, e se decepcionou com os eventos que ocorreram. Uma comoção, lemos, “pode ser puramente física, puramente moral ou então física e moral. A comoção física é sempre também psíquica; a comoção psíquica pode, sem nenhuma interferência física, engendrar o choque”²⁸.

Gostaria de reservar o termo “comoção” ou “choque”, que pode ter uma dimensão negativa e uma positiva, para essa vivência hiperintensa, que é a que interessou Freud em 1920, em *Além do princípio do prazer*, e que interessou Ferenczi também, para a descrição, portanto, de um elemento quantitativo, sempre presente, no trauma. Numa frase, proponho que usemos “choque” ou “comoção” para descrever o momento inicial do trauma ferencziano – a vivência disruptiva, paralisante,

21 S. Ferenczi, “Princípio de relaxamento e neocatarse”, in *Psicanálise IV*, p. 74 (publicado primeiramente em 1930).

22 S. Ferenczi, *The clinical diary of Sándor Ferenczi*, escrito em 1932 e publicado em 1988, p. 181.

23 S. Ferenczi, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, p. 115.

24 S. Ferenczi, “Confusão...”, p. 119.

25 S. Ferenczi, “Confusão...”, p. 120.

26 S. Ferenczi, “Reflexões sobre o trauma”, nota “Da comoção psíquica”, in *Psicanálise IV*, p. 125.

27 S. Ferenczi, “Reflexões...”, p. 125.

28 S. Ferenczi, “Reflexões...”, p. 126.

29 E. Brabant; E. Falzeder; P. Giampieri-Deutsch (Eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi*, v. I, 1908-1914, p. 330.

o processo de formação
do trauma é resultado
de um ou mais momentos
de comoção, de choque, e cabe
reservar a categoria de “trauma”
ao processo de dupla comoção,
no sentido ferencziano

eventualmente psicotizante – e reservemos, no âmbito das discussões sobre o pensamento do autor, o conceito de trauma para o processo que começa a se formar na comoção, mas que não se encerra com ela. Vou me expressar melhor: o processo de formação do trauma é resultado de um ou mais momentos de comoção, de choque, e cabe reservar a categoria de “trauma” ao processo de dupla comoção, no sentido ferencziano.

Essa era a primeira reminiscência, a ideia de “choque”, que achei que merecia vermos relampejar. Vamos à segunda com a ajuda de mais um personagem conceitual.

Árpád

Em 18 de janeiro de 1912, Ferenczi escreveu uma carta a Freud para compartilhar um caso que julgava sensacional. Era o de uma criança, e a história lhe chegara por meio da tradutora e escritora Ilona Harnos (esposa do também escritor Dezső Kosztolányi), que estava em análise. Na opinião de Ferenczi, o caso parecia significativo o bastante para ser considerado um “irmão do ‘Pequeno Hans’”²⁹.

O garoto, então com cinco anos, teve um desenvolvimento, dito normal, até os três anos e meio. De repente, tudo mudou. A família de Árpád foi a um spa na Áustria em 1910, o mesmo





*o menino teria ido
uma vez ao consultório
de Ferenczi e, entre vários objetos,
escolheu brincar com um
galo-do-mato de bronze. Teria
também feito um desenho,
que vocês podem adivinhar
do que foi, e cacarejou de
“um modo magistral”*

lugar para o qual viajaram no ano anterior. Imediatamente após a chegada, perceberam algumas mudanças de comportamento. Antes, ele se interessava por tudo que poderia chamar a atenção de uma criança; agora, porém, sua atenção recaía unicamente no galinheiro e no pátio onde as aves ficavam. Ia logo cedo ao galinheiro, observava os animais, imitava-os e chorava copiosamente quando era retirado dali. Mesmo afastado das aves, cantava e cacarejava, imitava seus movimentos e respondia a qualquer pergunta com sons similares aos emitidos pelos galos e galinhas. O comportamento perdurou enquanto a família esteve no spa.

Retornando a Budapeste, Árpád voltou a falar como um ser humano, mas seu assunto era exclusivamente as aves domésticas: galos, galinhas, perus e até gansos e patos. A brincadeira que passou a ocupar todo seu tempo era amassar e dobrar o jornal no formato de um galo, oferecê-los para venda, depois pegar algo – um graveto, por exemplo – chamá-lo de faca, levar o galo de papel até a pia e cortar o pescoço do brinquedo. Imitava com perfeição o som emitido por uma ave agonizando e pedia para ver as galinhas serem mortas, mas tinha um pouco de medo de galos vivos.

O evento determinante aparecia sempre da mesma forma quando contava: “tinha ido ao galinheiro e urinado lá dentro; foi então que um frango ou um capão de plumagem amarela (às vezes dizia

marrom) veio morder seu pênis e Ilona, a arrumadeira, fez o curativo em seu ferimento. Cortaram em seguida o pescoço do galo, que “rebentou”³⁰.

Ferenczi exclui a possibilidade de tal ataque ter sido fantasiado dizendo que os pais se lembravam do episódio. Ele teria acontecido na primeira vez que a família foi ao spa, antes de 1910, quando Árpád tinha dois anos e meio. O que, no artigo, ele escreve ser difícil de estabelecer é se o galo conseguiu mesmo bicar o pênis do menino, ou se simplesmente houve um ataque que não chegou a feri-lo³¹. A parte curiosa do relato, em sua opinião, é o intervalo, o período de um ano – que chama de latência – entre a experiência e seus efeitos. Isso leva à pergunta, feita à família do menino, sobre se durante esse ano de latência Árpád fora ameaçado, mesmo que sutilmente, de castração, porque poderia estar brincando com os genitais. A resposta da família foi que na época da pergunta, quando o menino tinha cinco anos, ele tinha o hábito de mexer no próprio pênis. Hábito que, disseram, mantinha há algum tempo. Não era improvável, assim, que alguém tivesse, em tom de brincadeira, ameaçado cortar-lhe ou tirar-lhe o pênis. Mas não se lembravam se tais ameaças aconteceram antes dos cinco anos.

Não há demais comentários sobre a arrumadeira, que deixou de trabalhar na casa da família nesse meio tempo. Talvez Ferenczi tenha notado algo de sua importância ao chamá-la, no caso, pelo nome da paciente que lhe contou sobre o garoto. No mínimo, podemos supor que o afastamento de uma figura de cuidado tão presente tenha alguma participação no quadro que Árpád desenvolveu, mas não encontrei mais dados para explorar essa intuição³².

O menino teria ido uma vez ao consultório de Ferenczi e, entre vários objetos, escolheu brincar com um galo-do-mato de bronze. Teria também feito um desenho, que vocês podem adivinhar do que foi, e cacarejou de “um modo magistral”³³. Todos os dias, ao amanhecer, lemos, “acorda toda a família ao som de um verdadeiro cocorocó”³⁴. Uma criança que descobre uma brincadeira nova, portanto, sem tirar nem pôr, como

podem atestar todos que já conviveram com uma criança. Ferenczi diz de passagem que Árpád tinha acesso à cozinha da casa, que era uma criança que via, como ainda é comum fora dos centros urbanos, o abate das aves. Era um menino cujo mundo incluía essas coisas ou, para dizer ao modo de Walter Benjamin, Árpád não era nenhum Robinson, não fazia parte de “nenhuma comunidade separada”, mas era parte “do povo e da classe a que”³⁵ pertencia. Ele brincava com as coisas do seu dia a dia e o fazia à exaustão dos adultos a sua volta. Era capaz, por meio dessa brincadeira repetida, de representar todos os segredos de sua família, sua curiosidade sexual, seu amor e seu ódio.

A dúvida sobre a cronologia, linha central do argumento do artigo, fora motivada, na verdade, pela curiosidade teórica de Freud. Quando leu o caso, ele fez a pergunta que orientaria o texto do colega: “Você irá, espero, preencher a lacuna sobre se a ameaça de castração ocorreu antes ou depois da aventura”³⁶. Para Freud, e para Ferenczi, em 1913, era fundamental saber o que veio antes, se a ameaça de castração ou a bicada; mas esse não é o ponto sensível do caso. A meu ver, o mais chamativo é o que ganha ali o nome de “repercussão psíquica”³⁷ do evento sobre a criança: a identificação e a fascinação da criança com as aves, e o

»»

dirá que a tendência à repetição, que realiza em si mesma uma função útil nas neuroses traumáticas, existe “mesmo onde não vinga, ou seja, onde a repetição não leva a nenhum resultado melhor do que o traumatismo originário”

efeito que a vivência, no contexto em que ocorre, gera no psiquismo como um todo.

No jogo psicanalítico, é claro que o galo não é só um galo, que há outras figuras embrenhadas ali – freudianamente, o pai e a mãe – e que é por isso que Ferenczi vai achar que Árpád é um irmão do pequeno Hans. Mas o garotinho húngaro não está fixado no temor; ele teme muito, é verdade, mas também se precipita em direção ao galo, o mime-tiza. Sua atitude poderia ser incluída no que Radmila Zygouris chama de “série jubilatória”³⁸. Árpád não é um irmão de Hans, seu parentesco é com o neto de Freud que gostava de arremessar o carretel.

Repercussão e criação

O gesto número dois que nos interessa vem muito depois do pequeno homem-galo. Em 1931, atendendo pacientes em relaxamento profundo, quando experiências traumáticas reapareciam durante as sessões, Ferenczi chegará à suposição de que o estado de sono e o sonho buscam aliviar o sistema psíquico por meio da reexperimentação “de resíduos traumáticos do dia e da vida”³⁹. Mais do que isso, dirá que a tendência à repetição, que realiza em si mesma uma função útil nas neuroses traumáticas, existe “mesmo onde não vinga, ou seja, onde a repetição não leva a nenhum resultado melhor do que o traumatismo originário”⁴⁰.

30 S. Ferenczi, “Um pequeno homem-galo”, in *Psicanálise II*, p. 70.

31 Alguns anos depois, em 1917, ao fazer referência novamente ao caso, o autor vai falar em “um leve ferimento ao nível do pênis, o que exerceria depois uma influência decisiva sobre toda sua vida pulsional e, sobretudo, sobre seu desenvolvimento psíquico...”. S. Ferenczi, “Consequências psíquicas de uma ‘castração’ na infância”, p. 343.

32 Após ouvir a apresentação deste trabalho na 14ª Conferência Internacional Sándor Ferenczi, Andreza Rafaely dos Anjos reforçou em comunicação pessoal que essa hipótese merecia sair de uma nota de rodapé. Como se pode ver, concordei com seu ponto.

33 S. Ferenczi, “Um pequeno homem-galo”, p. 72.

34 S. Ferenczi, “Um pequeno homem-galo”, p. 72.

35 W. Benjamin, “História cultural do brinquedo”, p. 247-248.

36 E. Brabant; E. Falzeder; P. Giampieri-Deutsch (Eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi*, v. I, 1908-1914, p. 340.

37 S. Ferenczi, “Um pequeno homem-galo”, p. 70.

38 R. Zygouris, “L’enfant de la jubilation”. Disponível em: <<https://www.radmila-zygouris.com/lenfant-de-la-jubilation/>>.

39 E. Brabant; E. Falzeder (Eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi*, v. III, 1920-1933, p. 412.

40 S. Ferenczi, “Reflexões sobre o trauma”, nota “Da revisão de *A interpretação dos sonhos*”, p. 128.



*gostaria de propor, a partir
de uma ideia à qual me dediquei
em outro momento, que pensemos
o primeiro tempo do trauma
ferencziano como “comoção psíquica”
ou “choque”, e o segundo tempo
como momento de repercussão –
repercussão que pode ser desmentida
ou bem-sucedida*

Resíduos do dia e da vida, do tipo que Árpád forma ao ir até a cozinha, ao identificar-se com seu pai, ao urinar em um galinheiro e ao sentir-se ameaçado, são “impressões psíquicas tendentes à repetição, não resolvidas nem dominadas, inconscientes e que, talvez, jamais foram conscientes”⁴¹. Elas compõem a matéria bruta da vida mental. O psiquismo seria, nessa leitura, uma máquina de registro e repercussão de impressões. A cada vez que corta o pescoço de seu brinquedo de papel, Árpád está mais próximo de dar um desfecho diferente às suas impressões mentais; a cada manhã em que cacareja no meio da sala, mesmo quando essa tendência irrita os demais, a direção de seu movimento é a mesma: repercutir as impressões para si mesmo e para os outros. Ferenczi chegará a escrever no *Diário* que essa direção de movimento é pulsional: haveria, em um cenário sem perturbação traumática, uma “pulsão de repousar” e uma pulsão de “compartilhar (comunicação [Mit-teilung], sharing) acúmulos ‘excessivos’ de prazer e desprazer”⁴².

Reparem que a categoria de trauma é menos eficiente se colocamos as coisas nesses termos, se resolvemos pensar em “resíduos traumáticos do dia e da vida” e em uma pulsão de comunicar acúmulos de prazer e desprazer.

Em Freud, o teste ou prova de realidade é descrito algumas vezes⁴³, uma delas indicando o processo de discriminação entre as excitações

externas e as internas, entre a coisa e a representação da coisa, por meio de uma exploração motora. É como se alguém dissesse: isso de que eu me lembro, ou que estou vendo, existe porque estou vendo ou tocando novamente agora. É um processo intrapsíquico de confirmação. Ferenczi faz da realidade do choque – ou, ampliando a ideia para a vida cotidiana – da apreensão da realidade em geral, um exercício de consulta, troca ou exposição de impressões a uma ou mais figuras de confiança. Noutras palavras, nós só acreditamos que aquilo que vemos, ouvimos, pensamos ou sentimos é verdade se tivermos à mão alguém que autorize cada uma dessas vivências (perceptivas, intelectuais, emocionais). Isso vale para o que é da ordem da comoção e para o que é ordem da impressão cotidiana.

O ambiente favorável, o adulto de confiança que não desmente, no modelo de “Confusão de línguas”, é *repercussivo*. Ele se rende à necessidade de comunicação de quem está em choque, em comoção ou ainda, no dia e na vida, a quem tem urgência de expressar.

Gostaria de propor, a partir de uma ideia à qual me dediquei em outro momento⁴⁴, que pensemos o primeiro tempo do trauma ferencziano como “comoção psíquica” ou “choque”, e o segundo tempo como *momento de repercussão* – repercussão que pode ser *desmentida* ou *bem-sucedida*. Isso porque o exercício de expressar, contar, comunicar uma vivência é, nesse contexto, tentar repercuti-la em busca de ligação. No artigo “Análise de crianças com adultos”, Ferenczi chega a um extremo nessa direção de pensamento: “Tem-se mesmo a impressão”, escreve, “que esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade”⁴⁵. Uma das correntes de fundo dessa postulação implica uma exigência grande sobre a cuidadora responsável pela criança, na imagem de um ouvido que pode dar conta de tudo e de uma disposição sincera absoluta. É uma idealização. A outra corrente perceptível é a indicação de que aquilo que nos comove, precisamos contar

para os outros, precisamos expressar, precisamos compartilhar. A repercussão desmentida corresponderia a não encontrar no ambiente um campo de ressonância que favoreça a ligação, enquanto a repercussão bem-sucedida, por outro lado, seria aquela que recebe do ambiente elementos que dão lugar, forma e sentido às impressões.

Os pais de Árpád, vendo que nenhuma proibição conteve o cacarejar do filho e suas demais brincadeiras aviárias, se renderam “e consentiram em comprar-lhe diversas aves em material inquebrantável como brinquedos”⁴⁶. Nem precisava que fossem de material inquebrantável e nem que fossem brinquedos com formato de aves, bastava que os pais se rendessem finalmente ao que parecia um capricho, mas que era o que de mais valioso o garoto criou para si com o material que tinha para se expressar. Bastava que recebessem a produção criativa que amarrava suas impressões.

Os momentos de *Erschütterung* são aqueles nos quais o sujeito perde-se temporariamente e em graus variados. São os que requerem, nas palavras de Marion Milner, “uma desistência temporária do ego discriminante, que fica apartado tentando ver objetivamente as coisas...”⁴⁷. É aí que identificamos o êxtase do adulto que se transforma em pianista depois de separar-se do próprio

»
a repercussão desmentida
corresponderia a não encontrar
no ambiente um campo de ressonância
que favoreça a ligação, enquanto
a repercussão bem-sucedida seria
aquela que recebe do ambiente
elementos que dão lugar, forma
e sentido às impressões

corpo e também da criança que se faz galo. Há prazer e júbilo no momento dessas produções.

Não é pouca coisa tomar uma vivência para si e transformá-la em algo próprio. Constantin Stanislavski, o ator russo, mencionava uma frase que ouviu de um diretor: “É difícil despertar a vontade criadora, matá-la é fácil”⁴⁸. Após tudo que de pequeno ou grandioso a vida é capaz de nos trazer, temos de repetir em ato ou esgotar a coisa de tanto falar sobre ela. Vale para isso tocar piano, vale cacarejar; vale também esticar a mão em direção ao relâmpago.

41 S. Ferenczi, “Reflexões...”, p. 129.

42 S. Ferenczi, *The clinical diary of Sándor Ferenczi*, p. 200.

43 Sugiro ao leitor interessado nessas variações freudianas a consulta ao ótimo trabalho de doutorado de Marcio Leitão Bandeira, *Percepção e fantasia: delineamentos a partir da metapsicologia freudiana*, defendido no Dep. de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo em 2016.

44 E.C. Dal Molin, *O terceiro tempo do trauma*.

45 S. Ferenczi, “Análise de crianças com adultos”, in *Psicanálise IV*, p. 91.

46 S. Ferenczi, “O pequeno homem-galo”, p. 72.

47 M. Milner, “O papel da ilusão na formação simbólica”, in *A loucura suprimida do homem são*, p. 102.

48 C. Stanislavski, *A preparação do ator*, p. 29, Rakhmanov diz isso a Constantin Stanislavski porque este chegou 15 minutos atrasado ao primeiro ensaio, que terminou cancelado.

Referências bibliográficas

- Bandeira M.L. (2016). *Percepção e fantasia: delineamentos a partir da metapsicologia freudiana*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2017.tde-17022017-160647. Recuperado em 2024-10-17, de www.teses.usp.br
- Benjamin W. (1994). Sobre o conceito de história. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, p.222-232. São Paulo: Brasiliense. p. 222-232.
- _____. (1994). História cultural do brinquedo. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. p. 244-248.
- Brabant E; Falzeder E.; Giampieri-Deutsch P. (eds.) (1993). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi, v. I, 1908-1914*. Cambridge/MA and London: Harvard University Press.
- Brabant E; Falzeder E.; Giampieri-Deutsch P. (eds.) (2000). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi, v. III, 1920-1933*. Cambridge/MA and London: Harvard University Press.
- Cicoria T. (2014). The electrifying story of the accidental pianist & composer. *Missouri Medicine*, v. 111, n. 4, Jul-Aug, p. 308.
- Coelho Junior N.E. (2019). From Ogden to Ferenczi. The constitution of a contemporary clinical thought. *American Journal of Psychoanalysis*, 79, p. 468-483. <https://doi.org/10.1057/s11231-019-09218-x>.
- Dal Molin E. (2016). *O terceiro tempo do trauma*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2024). Trauma, conceito aberto. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, v. 46, n. 50, p. 19-38, 7 ago.
- Deleuze G.; Guattari F. (1997). *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- Ferenczi S. (1909/2011). Introjeção e transferência. In *Psicanálise I*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 87-124.
- _____. (1911/2011). Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência. In *Psicanálise I*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 125-138.
- _____. (1912/2011). O conceito de introjeção. In *Psicanálise I*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 209-212.
- _____. (1913/2011). Um pequeno homem-galo. In *Psicanálise II*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 69-76.
- _____. (1917/2011). Consequências psíquicas de uma “castração” na infância. In *Psicanálise II*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 343-348.
- _____. (1930/2011). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 53-68.
- _____. (1931/2011). Análise de crianças com adultos. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 79-95.
- _____. (1931/2011). Reflexões sobre o trauma, Da revisão de A interpretação dos sonhos. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 125-135.
- _____. (1933/2011). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes. p. 111-121.
- _____. (1932/1988). *The clinical diary of Sándor Ferenczi*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Foucault M. (1969/2001). O que é um autor?. In *Ditos e escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p. 41-60.
- Freud S. (1895). Project for a Scientific Psychology. In *SE I*, p. 283-398.
- _____. (1924) The Dissolution of the Oedipus Complex. In *SE XIX*, p.173-182.
- Gondar J. (2022). Diálogos (im)pertinentes: Psicanálise, teorias queer, transgeneridades. *Percurso*, n. 68, p. 33-42. Recuperado de <https://percurso.openjournal-solutions.com.br/index.php/ojs/article/view/22>.
- Kupermann D. (2023). Discussão na mesa “Ferenczi: pensador político, clínico do reconhecimento”, no Colóquio Internacional Distopia e Clínica do Social, coordenado por Marília Etienne Arreguy e realizado pelo Grupo Alteridade Psicanálise Educação – GAP(e)/UFF-CNPQ.
- Mezan R. (2014). *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Milner M. (1952/1991). O papel da ilusão na formação simbólica. In *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago. p. 102.
- Sacks O. (2007). *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Zygouris R. (1998). L'enfant de la jubilation. Disponível em <https://www.radmila-zygouris.com/lenfant-de-la-jubilation/>.

Shock, repercussion, and creation

Abstract Based on Ferenczi's ideas, this article explores aspects of the dynamics of “trauma” and its effects on psychic functioning. The discussion focuses on two concepts: shock (or commotion) as an initial disruptive event and the process of psychic repercussion, which may culminate in a movement of creation. Through conceptual figures, I argue that the transformation of traumatic experiences into creative productions is essential and frequent, especially when these experiences are shared and acknowledged by the environment.

Keywords Sándor Ferenczi; trauma; shock; psychic repercussion; creation.

Texto recebido: 09/2024.

Aprovado: 10/2024.-